



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, nos cumprimentos à Seleção brasileira em Santo Domingo

República Dominicana, 17 de agosto de 2004

Obs.: Por problemas técnicos na transmissão, o trecho final deste discurso não foi inserido.

Olha, eu queria tirar proveito de vocês durante alguns poucos minutos. Eu tinha dito até ao nosso ministro Celso Amorim que era importante que eles fizessem um briefing sobre o Haiti, porque é importante que vocês conheçam o lugar aonde vão e porque vão ao Haiti.

Primeiro, eu queria agradecer ao Ricardo Teixeira. Queria agradecer ao Parreira, ao Zagallo, a toda a comissão técnica e à Direção da CBF pelo carinho, pela compreensão do gesto, mas, sobretudo, agradecer aos jogadores.

Eu sei da vida que vocês têm, dos compromissos, dos contratos, dos jogos, da pressão que vocês sofrem, mas eu acho que esse gesto que vocês estão fazendo é um gesto que, possivelmente, marque muito a vida de cada um de vocês. Porque é um jogo, definitivamente, de solidariedade, um jogo pela paz, um jogo em que a gente quer aproveitar esse momento para mostrar ao mundo que é possível construir a paz sem precisar que haja guerra.

O Haiti é um país muito pobre. Vocês vão ver o que é pobreza. É um país que, na nossa opinião, se não houver um compromisso de outros países mais ricos do mundo em ajudar, em dar uma chance, em ter investimentos para o desenvolvimento, o Haiti não terá jeito. É muita pobreza, é uma favela, ou seja, não urbanizada. Aqui todos vocês conhecem as favelas, é um negócio muito pobre. E eu penso que a compreensão de toda a Direção do futebol



brasileiro e dos jogadores, é uma coisa muito marcante, eu diria, para o nosso país, para a mídia.

Eu acho que isso vai aumentar um pouco o respeito que o mundo já tinha pelo futebol brasileiro. Eu acho que vai aumentar, agora, o respeito pelo caráter, pela dimensão, eu diria, cidadã, que vocês vão dar a esse jogo.

Eu queria que o Celso Amorim falasse um pouquinho, porque este é um gesto que vai marcar muito a minha passagem pela Presidência da República mas, certamente, marcará a de vocês, todos muito jovens – o mais velho aqui não deve ter quantos anos? – com exceção do Zagallo e de mim, que já estamos beirando os 50, eu acho que vocês são muito jovens. E esse gesto eu acho que é profundamente rico.

Eu acho que é importante ficar claro para o mundo que os jogadores brasileiros gostam de jogar bola, são bons de bola, gostam de fazer bons contratos, são bons em fazer contrato. Mas, na hora em que são chamados a um gesto de solidariedade, não se recusam a ter esse gesto de solidariedade.

Vocês devem sentir a loucura que vai ser amanhã, no Haiti. Eu conversei com o Presidente do Haiti e ele me falou que vai ser a primeira vez na história da Humanidade em que a torcida de um país estará torcendo para o seu time perder, para que a Seleção brasileira faça muitos gols, porque o fanatismo e a admiração deles por vocês é muito grande. E eu acho que vai ser uma coisa muito bonita.

Você sabe que uma das coisas que deixou o Zagallo entusiasmado é que solidariedade tem 13 letras. Mas, olhe, não sei se vocês tiveram tempo de ver, nós começamos, no Brasil, uma campanha de auto-estima da sociedade brasileira. Essa campanha visa, sobretudo, atingir profundamente a nossa juventude. A nossa juventude que, muitas vezes, não tem perspectiva, a nossa juventude que, muitas vezes, não consegue terminar o segundo grau, não consegue um emprego e onde, muitas vezes, as coisas certas estão difíceis de



acontecer e, muitas vezes, as coisas erradas estão mais ao alcance das pessoas. Daí a queda para a criminalidade, para a marginalidade, é um passo.

Então, eu quero dizer para vocês que nós vamos precisar de outros jogadores. Por enquanto, entrou o Ronaldinho, entrou o Herbert Viana, e a gente pode estar mostrando o quanto vocês têm que ser teimosos para vencer na vida. É uma campanha para estimular a pessoa a não desistir nunca. Ela termina dizendo: “Eu sou brasileiro e não desisto nunca”. E, depois, tem uma frase: “O melhor do Brasil é o brasileiro”. E a gente quer mexer, mesmo, com a alma da nossa juventude.

Nós tomamos uma decisão, recentemente, nós incorporamos 30 mil jovens a mais nas Forças Armadas. Há 16 anos as Forças Armadas brasileiras não tinham um recrutamento acima de 60 mil jovens, porque não tinha dinheiro. E além de servir às Forças Armadas brasileiras, que eles aprendam um pouco de cidadania e, junto com isso uma profissão para que, ao sair das Forças Armadas, eles possam entrar no mercado de trabalho.

E essa campanha nos preocupa, sobretudo, porque vocês têm um papel importante, cada um de vocês joga muita coisa na cabeça de muitos jovens do Brasil. E nós queremos que essa campanha bata muito fundo na alma das pessoas, para elas dizerem o seguinte: “Olha, eu também posso conseguir, eu também posso chegar lá”.

A gente não quer fazer só com jogador e com outro tipo de artista, mas fazer com pessoas humildes da sociedade, que tiveram sorte na vida, pessoas que nasceram pobres, que trabalhavam de empregada doméstica e depois conseguiram entrar na faculdade, que hoje são professores universitários. Podiam, pelo menos, fazer com uma situação que se passou em Brasília: um trabalhador da Infraero, que ganha 400 reais por mês achou, no banheiro da Infraero, 10 mil dólares. Pois esse cidadão devolveu os 10 mil dólares na Infraero, aí encontraram o dono dos 10 mil dólares, que não falou nem “obrigado” para ele. Mas ele estava orgulhoso. Eu o recebi na minha sala e



falei: “Escuta aqui, quando você pegou 10 mil dólares na mão, qual foi a vontade que você teve? Você não pensou, em nenhum momento, em ficar com o dinheiro?”. Ele falou: “Não, o dinheiro não era meu.”

Essa é uma lição que a gente aprende no tempo, a gente não aprende na universidade. Esses bons hábitos, esses bons costumes, a gente aprende é do pai e da mãe. A gente aprende é na convivência.

E como tem muita gente que não teve o acesso que vocês tiveram, a mesma sorte que eu tive, porque sair de Garanhuns e virar Presidente da República não é... nem todo mundo tem essa sorte, nós precisamos estimular essa juventude a acreditar em coisas boas, a pensar que o mundo pode lhe oferecer oportunidades.

Eu acho que essa é uma tarefa que eu gostaria muito de contar com vocês. Nem sempre é fácil. Por exemplo, nós íamos mostrar um VT, Ronaldinho, em que você dribla uns quatro ou cinco, mas aí teve um problema. Teve um problema com a produção por força da chuteira, sei lá o que é. Se tem contrato, contrato é contrato. Se você assinou, cumpra o contrato. Nós íamos fazer com a Daiane, também, uma peça, mas também por causa do contrato não foi possível fazer a peça com ela.

Mas, na medida do possível, vocês vão encontrar sempre pessoas procurando vocês, de preferência o nosso Ministro dos Esportes, porque nós queremos aproveitar para fazer essa campanha, para vocês darem a contribuição que puderem dar para a nossa juventude. Fazer um apelo muito forte, alguma coisa que a estimule, sobretudo, a estudar. Essa é a chave do negócio: estimular o jovem a estudar, a terminar os seus estudos, a não desistir. Porque, senão, a gente não tem muita expectativa para uma juventude cada vez mais ansiosa, cada vez mais angustiada.

Graças a Deus, a economia está se recuperando, os investimentos estão aparecendo, as coisas estão melhorando. E no Brasil nós vamos, agora, atacar fortemente o ensino médio, que tem um problema sério, porque o



indivíduo faz o 2º grau e não aprende nada. Nós podemos ver se colocamos, no 2º grau, algum aprendizado profissional, para que ele já saia do 2º grau com uma profissão e possa aprender alguma coisa.

Nós estamos fazendo convênios com as universidades particulares para que, a partir de uma determinada isenção, a gente possa colocar lá jovens mais pobres da periferia, senão a gente não pode pagar. Nós estamos pensando que podemos criar, nos próximos anos, 100 mil vagas novas nas universidades e eu acho que isso pode permitir maior expectativa para o futuro do nosso país.

Eu, mais uma vez, quero, em meu nome e da minha mulher, agradecer de coração esse gesto de vocês.

Acho que a Fifa deu uma contribuição enorme. E isso, para mim, é uma coisa que pode marcar, Ricardo, porque vai se tirando a idéia de que “o mundo do futebol é isso, o mundo do futebol é aquilo”. De repente, a gente descobre que o mundo do futebol, na hora em que é provocado, tem essa coisa boa, que pode oferecer para o Brasil e para outros lugares do mundo.

Então, logo, logo, Teixeira, vamos provocar, porque nós queremos fazer uma Seleção do Mercosul. Não sei se vai ser muito difícil, vocês teriam problemas em fazer a convocação. Mas nós temos que fazer uma Seleção do Mercosul, porque não sei se vocês percebem que o Brasil está ocupando um espaço muito importante na geografia comercial do mundo.

Nós, este ano, vamos chegar a 90 bilhões de dólares de exportação. Já não são apenas os Estados Unidos e a Europa. Nós estamos, hoje, crescendo muito na América do Sul, crescendo muito no mundo árabe, na África, na China, na Índia.

Ou seja, nós estamos dizendo para o mundo civilizado: O Brasil existe, o Brasil gosta de respeitar e gosta de ser respeitado. Então, o Brasil está ocupando um espaço muito, mas muito importante nesse cenário. E nós queremos fazer um jogo da Seleção do Mercosul com essa Seleção da União



Européia, para a gente mostrar que nós, também, somos Primeiro Mundo e temos força.

Eu acho que nós podemos fazer uma Seleção quase que imbatível. Com um pouco de generosidade, não pode ter só jogador brasileiro, tem que ter jogadores do Uruguai, do Paraguai e da Argentina, tem que ter de todos os países. Eu acho que quando for oportuno, a gente poderia pensar num momento desses.

Eu quero desejar para vocês boa sorte e nós nos veremos amanhã, lá.